

Lula prepara caravanas rumo à 4.^a candidatura

Ele admite 'mudar na forma' para driblar rejeição e avisa que não se opõe a outros nomes

VERA ROSA

A três dias de completar 54 anos, Luiz Inácio Lula da Silva admite a possibilidade de ser candidato à Presidência da República pela quarta vez consecutiva. Mas avisa que não será empecilho para nenhum outro nome, dentro do PT, que deseje disputar a cadeira do presidente Fernando Henrique Cardoso em 2002. "Eu me sinto assim: tem uma lâmpada mágica, está cheia de gênios lá dentro e eu estou segurando a tampa", diz. "Então, vou destampá-la, para dar lugar aos outros." A julgar por essa afirmação, ele não quer concorrer. Mas, logo depois, confessa: "Se o PT chegar à conclusão de que sou a melhor opção, não tenho nenhum problema em ser."

Lula é tão candidato que vai retomar, no ano que vem, as chamadas caravanas da cidadania, como ficaram conhecidas as viagens que marcaram a campanha presidencial de 1994. Na sua mesa de trabalho destaca-se o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, do escritor potiguar Luís da Câmara Cascudo, que ele ganhou de presente. "Quero ver se a gente consegue tornar um pouco mais prático o nosso discurso, transformando em ação as nossas angústias", afirma.

Para ira dos petistas mais radicais, Lula está defendendo a "oxigenação" do PT. Encaixa-se nessa proposta o debate com o presidente do Congresso, senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), sobre o combate à pobreza. "Sou capaz de conversar com a extrema-esquerda e com a extrema-direita e continuar sendo a linha do meio", argumenta. Ele garante, porém, que não vai mudar só para ser aceito pela classe média. "Não quero ser um Fernando Henrique Cardoso", provoca. E conclui: "Não sou um produto de marketing; sou um animal político."

Estado – Pesquisas indicam que seu nome está empatado com o do provável candidato do PPS à Presidência, Ciro Gomes. Com o crescimento de Ciro, o senhor não vai definir se é ou não candidato?

Luiz Inácio Lula da Silva – A gente não pode ficar preocupado com pesquisa agora. Digo de peito aberto: ainda não acabei de pagar as dívidas da campanha passada, então não posso começar outra. Tenho dito ao PT que, em vez de me considerar candidato natural, é preciso abrir a possibilidade de outros nomes se apresentarem candidatos. Eu me sinto assim: tem uma lâmpada mágica, está cheia de gênios lá dentro e eu estou segurando a tampa. Então, vou destampá-la, para dar lugar aos outros. Se há pessoas que querem ser candidatos, dentro do PT, eu não posso ser empecilho. Depois, temos as eleições municipais de 2000. Por que eu deveria antecipar a campanha presidencial?

Estado – Mas Ciro Gomes está capitalizando votos do PT e da esquerda...

Lula – O Ciro Gomes não capitaliza nenhum voto da esquerda.

Estado – Como não?

Lula – Eu acho que não. As pessoas sabem que o PT tem candidato, qualquer que seja a hipótese. O Ciro não me preocupa muito. Ele cresce, em parte, à medida que Fernando Henrique Cardoso cai. Tira um pouco dos votos do PSDB porque muitos eleitores não vêem Ciro como oposição, e sim como dissidente. O que vai acontecer é o seguinte: na hora em que estiver definido o quadro eleito-

ral, ele vai ficar como bóia dentro da caixa d'água. Da mesma forma que sobe, cai, quando a caixa esvazia. Não devemos brigar com o Ciro. Temos de continuar brigando contra esse governo e contra o modelo econômico que está destruindo o Brasil.

Estado – E quando haverá uma definição da sua parte?

Lula – Se o PT entender no 2.º Congresso, em novembro, que deve definir a sua candidatura à Presidência, vou ter de resolver. O que não quero

„Sou capaz de conversar com a extrema-esquerda e com a extrema-direita e continuar sendo a linha do meio. Se eu quisesse ganhar votos, por exemplo, jamais conversaria com ACM. Iria tirar fotografia com o Ronaldinho ou dançar com o padre Marcelo”

„Será muito difícil mudar o meu jeito de ser. Pensando eminentemente em marketing, quem sabe seja melhor trabalhar um nome novo. Não quero chegar aos padrões políticos pelos quais a elite me aceite, porque aí vou ser um Fernando Henrique Cardoso”

é dar de barato que já sou. Precisamos ampliar o leque de discussão. Se num determinado momento os critérios adotados por nós indicarem que ainda sou a melhor opção, não tenho nenhum problema em ser candidato.

Estado – Mas seu índice de rejeição é alto. Não há nada a mudar?

Lula – Eu não sou um produto de marketing. Sou um animal político. Se tiver de mudar, posso mudar na forma, não no conteúdo. Não vou deixar de ser favorável aos sem-terra, à greve, à ocu-

pação dos sem-terra nem deixar de dizer que os ricos têm de pagar a conta. Será muito difícil mudar o meu jeito de ser. Pensando eminentemente em marketing, quem sabe seja melhor

trabalhar um nome novo. Não quero chegar aos padrões políticos pelos quais a elite me aceite porque aí vou ser um Fernando Henrique Cardoso. Você vai abrindo mão das suas convicções, dos seus princípios, cedendo aqui, acolá e daqui a pouco você não é mais você mesmo, acaba sendo eles. E eu não quero ser eles.

Estado – E por que agora o senhor procurou o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) para um debate sobre a pobreza?

Lula – Meu Deus do céu, as coisas não acontecem fora de hora! Não foi muito antes que ele fez a proposta para acabar com a fome. Ele tem poder para mudar alguma coisa no Congresso. Então, em vez de eu ficar com o pé na parede aqui com as minhas propostas e ele com as dele, vamos discutir. Temos de fazer o Congresso votar a proposta da senadora Marina Silva (PT-AC), criando uma forma de gerenciamento dos recursos públicos do Orçamento para atacar o proble-

ma da miséria em todas as frentes. Não adianta distribuir cestinha básica. O problema mais grave do Brasil não é a miséria? Então, é preciso fazer a inversão das atuais prioridades do Orçamento.

Estado – Como o senhor reage a críticas até de petistas de que abriu um palanque para ACM?

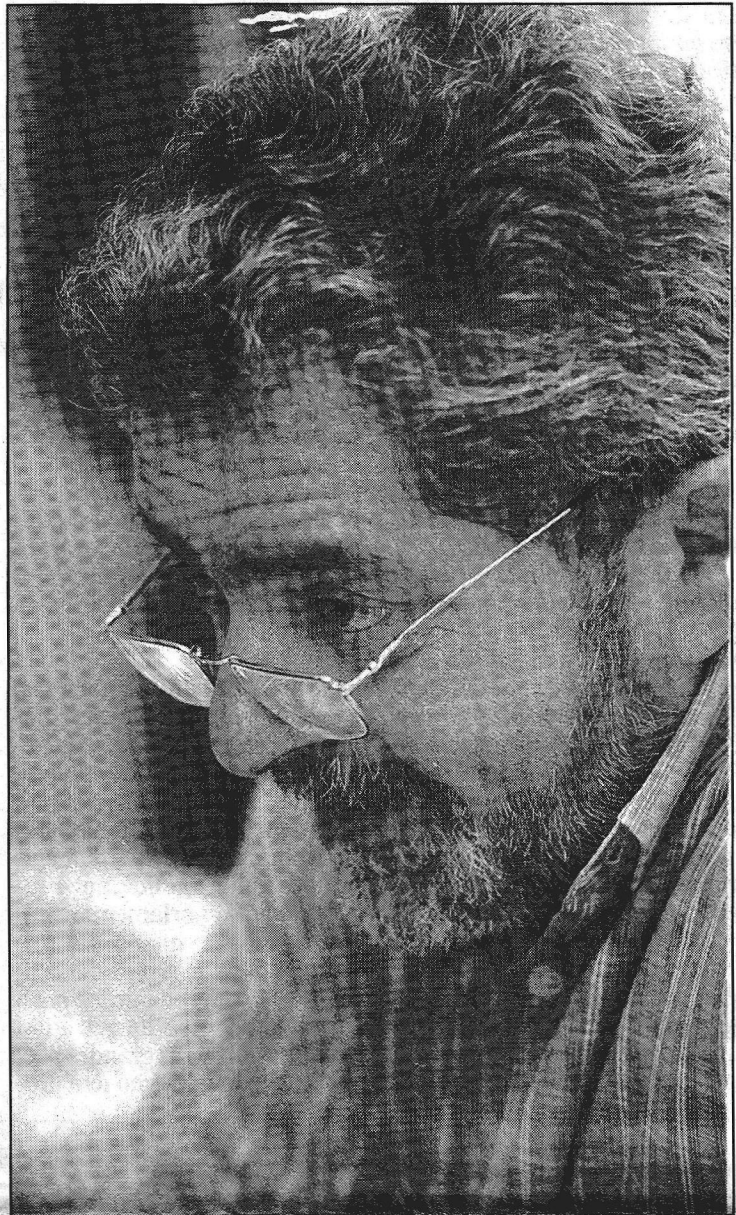
Lula – É uma tristeza que a cabeça das pessoas seja tão pequena que só consiga ver eleição pela frente. Meu conceito de democracia está na relação com a adversidade,

bilizar e criar uma situação de comoção nacional, quem sabe ele tenha de sair, até pela porta dos fundos. Mas nós temos governadores de Estado. Da mesma forma que não quero que ninguém apresse o fim do mandato dos nossos governadores, não quero quebrar a institucionalidade.

Estado – O senhor vai reiniciar as chamadas caravanas da cidadania, as viagens pelo País?

Lula – Vou, no ano que vem. Sei que em ano eleitoral isso é delicado. Será muito di-

Maurilo Claretto/AE



Lula: 'Não sou um produto de marketing; sou um animal político'

não podemos ficar na mesma de conversar com nós mesmos. Que bom que o FMI e o Banco Mundial agora começaram a falar de fome, porque nós temos de debater com essa gente! Sou capaz de conversar com a extrema-esquerda e com a extrema-direita e continuar sendo a linha do meio. Obviamente, eu não ia querer que o senador Antonio Carlos Magalhães concordasse comigo.

Estado – Mas ele até que concordou...

Lula – Pois é, então nós temos de tirar proveito das tradições dele. Um partido não vive apenas dos seus acertos. Vive também das contradições dos adversários. O ACM, historicamente, tem uma relação ligada aos setores mais abastados deste país e é responsável por parte da política brasileira que está aí. Na medida em que ele, por interesse ou não, faz discurso falando de pobre, em vez de ficarmos apenas dizendo o que é ou não é verdade, vamos provar isso com ações concretas. Esse é o jogo que tem de ser feito. Chegaram a dizer que eu convidei o senador para o debate para ganhar votos. Ora, se eu quisesse ganhar votos jamais conversaria com ACM. Iria tirar fotografia com o Ronaldinho ou dançar com o padre Marcelo.

PT PRECISA
'TER UMA
AÇÃO MAIS
CONCRETA'

Estado – O PT de São Paulo aprovou a palavra de ordem "Fora FHC". Na sua opinião, há motivos para a saída do presidente?

Lula – Essas palavras de ordem não me apaixonam. Ando por essas estradas e ainda vejo o "Fora Sarney". O Fernando Henrique Cardoso está cumprindo um mandato e na campanha do ano passado a gente já dizia que ele ia fazer o que está fazendo agora. Temos de fazer um embate político. Se a sociedade se mo-

ficil desvincular qualquer atividade das eleições municipais. Mas precisamos ter uma ação mais concreta e mais objetiva. Quero ver se a gente consegue tornar um pouco mais prático os nossos discursos, independentemente de sermos governo ou não. Estou me batendo, dentro do PT, para transformar cada sede do partido num centro de atividade cultural. As sedes do PT ficam muito fechadas. Quero ver se transformamos em ação as nossas angústias.

Estado – De que forma?

Lula – Por exemplo, o PT pode alfabetizar gente dentro da sua sede. Os médicos do PT podem fazer medicina preventiva de fim de semana na periferia. O PT pode ter nos seus diretórios, nos seus núcleos, agentes de saúde. Precisamos fazer com que o partido tenha interação mais eficaz com a sociedade. Estou disposto a fazer isso a partir do ano que vem. Graças a Deus ganhei projeção sem precisar de mandato. Tenho vontade de pegar o período

Collor como padrão para mostrar que, daquela época para cá, não houve nenhuma melhoria na maioria das cidades. Ao contrário, quase todas pioraram. Neste país, as coisas

ou estão estagnadas ou andando para trás. Tem um governo que não planeja, uma classe empresarial covarde que só investe se tiver dinheiro do Estado para investir, não põe nada em risco. Vou percorrer o País e, obviamente, seguindo uma estratégia. Temos de combinar uma estratégia ligada com a CUT, para discutir o problema do emprego no Brasil. Não dá para aceitar o discurso do presidente da República dizendo que tudo depende do Congresso. Falta vontade política, isso sim. Fernando Henrique está marcando gol contra e nós vamos ganhar esse jogo.